

## EDITORIAL

### MANIFESTAÇÕES DA PULSÃO

As recentes manifestações no Brasil reacendem as discussões freudianas sobre a psicologia de massas: podemos realmente pensar em nos organizar em fraternidades, em torno de ‘ideias redentoras’, sem recorrer à fórmula algo desgastada do líder? Qual será o destino das pulsões que têm andado soltas pelas ruas do país?

Em ação, uma pulsão não pode ser destruída nem inibida e tende, sem concluir, para a satisfação. Signo de não haver uma maneira única de satisfazer o desejo e sinal que aparece no corpo humano desta insatisfação, a pulsão só pode ser conhecida pelos seus representantes ideativos e pelos afetos mobilizados. No primeiro caso, os destinos são: reversão ao seu oposto, na mudança da passividade para a atividade; o retorno em direção ao próprio eu, tomado como objeto; recalçamento; sublimação, isto é, translação de objetos psíquicos em objetos culturais. Nos afetos: transformação do afeto nas obsessões; deslocamento do afeto, na histeria de conversão; troca do afeto, como na neurose de angústia e na melancolia.

Ao recusar dualidades tradicionais, como indivíduo/sociedade, Freud defende que as influências sociais, especialmente por meio das instituições, sujeitam a entrada de cada um através da construção de ideais que articulam os processos narcísicos e sociais. Estes forjam as modalidades de laço social que sustentam, no limite, aquilo que entendemos por civilização. O processo implica os sistemas de reconhecimento de cada sujeito pelo grupo e sociedade onde este vive, oferecendo estilos de pertencimento/exclusão que têm ligação direta com as necessidades de todos, particularmente associadas à condição de mútua dependência humana.

**João Angelo Fantini (Editor)**